

Resumo: gênero autônomo ou dependente?*

Janaina Zaidan Bicalho Fonseca
Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC Minas

Resumo: Nosso trabalho objetiva refletir sobre as dificuldades encontradas pelos estudantes universitários na produção de seus textos. Delimitamos, assim, um gênero discursivo específico - resumo - pois vimos que este carece de uma reformulação teórica, já que as explicações tradicionais não conseguem suprir as necessidades de produção do mesmo. Observamos que isso só será possível por meio das operações semânticas de pressuposição e subtendido, já que as mesmas são utilizadas pelos universitários, ainda que de forma inconsciente, para produzirem seus resumos.

Palavras-chave: 1. gênero resumo. 2. tutoria em língua portuguesa. 3. linguística aplicada.

1. Introdução

O estudo que propomos desenvolver aborda as dificuldades inseridas no processo de produção e interpretação textual de estudantes universitários. Objetivamos pontuar os problemas e as peculiaridades em textos que atendam ao gênero acadêmico *resumo*. A escolha tanto dos produtores quanto do gênero discursivo mencionados deve-se por meio do trabalho constante com o programa de Tutoria em Língua Portuguesa (TLP), desenvolvido na Universidade Federal de Viçosa. Os selecionados para participarem do projeto apresentaram grandes dificuldades na escrita da redação do vestibular, por isso a TLP surgiu para ajudá-los a melhorar a competência textual.

Constatamos, dessa forma, que o gênero resumo, em especial, revelou-se instrumento de grande especulação científica, visto que os estudantes mostraram dificuldades na sua definição e na conseqüente elaboração, devido, muito possivelmente, a uma inabilidade no processo da leitura e da escrita, legitimadas por algumas incongruências teóricas a respeito do referido gênero. Isto porque muitos creem que o resumo é apenas um trabalho de “recorte”, de “ligação de ideias” a despeito da autonomia interpretativa do leitor, a qual – apesar de cerceada pelas pistas linguísticas presentes no texto –, diferencia-se no ato do dizer. Ou seja, espera-se que haja diferenças, no que diz respeito à linguagem, entre o texto de um produtor e o de outro. No âmbito da TLP vimos, até mesmo, que alguns leitores associam o que foi lido com os seus próprios conhecimentos, deixando essas evidências presentes no texto final do resumo.

* Este trabalho surgiu de pequenas pesquisas empreendidas pelo Programa de Tutoria em Língua Portuguesa da Universidade Federal de Viçosa, coordenado pela professora doutora Maria Carmen Aires Gomes. Tal programa encontra sua legitimidade na medida em que foram identificados inúmeros problemas na produção textual de alunos do ensino superior. A Tutoria em Língua Portuguesa surgiu, assim, para suprir essas dificuldades, valendo-se de várias formas didáticas que propiciassem uma aprendizagem mais satisfatória. Uma delas é aliar pesquisa e ensino. A autora deste texto foi, durante os anos de 2005 e 2006, tutora da referida instituição. Atualmente faz parte do programa de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa da PUC Minas, tendo seus estudos apoiados pela Capes.

Sendo assim, a relevância do trabalho está centrada na inobservância da autonomia textual do gênero discursivo resumo. Acreditamos que o fato de este possuir pouca importância, a título de pesquisa acadêmica, esteja intimamente associado a uma falsa ideia de dependência/subserviência a um texto maior. Vários indícios linguísticos nos possibilitaram afirmar que o gênero discursivo resumo possui, de fato, certa autonomia em relação ao texto sumarizado.

2. Uma nova visão de resumo

Será importante, na busca da solidificação da teoria proposta, apresentar o conceito tradicional de resumo. A norma NBR 6028 da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) o define como uma apresentação sucinta, compacta e objetiva dos pontos mais importantes de um texto. Medeiros (1991, p. 61), da mesma forma, afirma que “o objetivo de um resumo é apresentar com fidelidade idéias ou fatos essenciais contidos num texto, fornecendo elementos que dispensem a consulta do texto original”. O resumo deve, portanto, de acordo com as definições supracitadas:

- a) Apresentar as ideias mais relevantes do original, indicando sucintamente o assunto, o propósito e o objetivo do texto;
- b) Ser redigido em linguagem objetiva e impessoal, sem qualquer juízo ou apreciação crítica sobre o mérito ou as falhas do trabalho;
- c) Evitar, tanto quanto possível, a repetição de frases íntegras do original, o que não impede a citação entre aspas de uma ou outra expressão típica.

A inconsistência maior parece estar localizada na letra *b*. Que não haja julgamento explícito do texto, é compreensível. Mas mesmo que não haja avaliação crítica explícita, haverá seleção das ideias mais relevantes. Ora, se há seleção, há indubitavelmente subjetividade, uma vez que podemos selecionar de acordo com nossos valores, crenças e interesses. Vale lembrar que não se trata, de fato, de uma escolha aleatória ou fortuita, uma vez que se espera do produtor textual uma habilidade de separar entre o que é apresentado pelo autor como informação essencial e entre aquilo que é dado como acessório. No entanto, há de ressaltar a função de cada resumo. Em outras palavras, se se resume um mesmo texto ora a título de estudo – o fichamento é um exemplo – ora a título de enquadramento inicial de um artigo, o resultado final pode ser um pouco diferenciado, pois haverá objetivos comunicativos distintos.

Sabemos que um texto nunca é “perfeitamente” objetivo. O resumo, da mesma forma, também não o é. Na compreensão textual, o estudante deverá se perguntar sobre o assunto que está discutindo, o que ele já sabe sobre isso, tentando obter as informações globais da obra e o método expositivo desenvolvido pelo autor, estabelecendo relações com outros assuntos, conectando as informações do texto com seu conhecimento de mundo. Deve, portanto, acionar seu conhecimento prévio acerca do assunto posto em foco.

Além disso, o fato de o resumo ser produzido evitando a *repetição de frases íntegras do original* (letra *c*) possibilita ao produtor textual liberdade vocabular, o que pode implicar diferenças que remetam a valores discursivos variados. Dessa forma, ainda que a ideia central tenha de ser mantida, o entendimento de um leitor *A* sobre um texto pode ser mais abrangente do que a compreensão de um leitor *B* sobre o mesmo texto.

O que torna ainda mais evidente a diferença entre texto original e resumo, ou ainda entre resumos diferentes, são as intervenções sistemáticas feitas pelo autor do texto. Como apura Machado (2005, p. 02):

(...) chegou-se, basicamente, a dois conjuntos de regras/estratégias: de apagamento e de substituição. As primeiras seriam seletivas, pois, por meio delas, selecionam-se os conteúdos relevantes do texto, com o apagamento de informações redundantes. Já as regras/estratégias de substituição seriam construtivas, pois exigem a construção de novas proposições, ausentes do texto original, mas que englobam informações expressas ou pressupostas no texto.

Soma-se a Machado a colaboração dos teóricos da retextualização no que diz respeito a tais regras. A retextualização incorpora a ideia que um texto, ao ser reestruturado, passa por vários processos para sua efetiva reconstrução. A exemplo: a reformulação, por meio de acréscimos, substituições, reordenações; e o cognitivo, que se dá no campo da compreensão por meio de inferências, inversões e até generalizações. Segundo Marcuschi,

(...) para poder transformar um texto é necessário compreendê-lo ou pelo menos ter uma certa compreensão dele. De igual modo que dois falantes só interagem na suposição de uma certa compreensão mútua, um indivíduo só pode retextualizar na suposição de compreensão do texto de origem (MARCUSCHI, 2001, p. 70).

Claro está que a retextualização difere do resumo exatamente pelas alterações de ordem semântica que ela opera no original. Defende-se aqui que o gênero resumo se vale de algumas estratégias previstas pela retextualização (conforme citação acima, a compreensão é uma delas); mantendo-se, no entanto, numa configuração diferente, uma vez que deve manter as ideias mais significativas do texto primeiro. Marcuschi endossa o posicionamento acima ao afirmar que “é importante considerar que, no caso de uma retextualização, interferimos tanto na forma e substância da expressão como na forma e substância do conteúdo” (2001, p.52). Ao lidar com o gênero resumo, a modificação na substância do conteúdo não é tão prudente, já que o que se faz, a rigor, é explicitar considerações inexistentes, de forma explícita, no original. Porém, elas estão lá.

Especificamente neste trabalho nos voltamos para a regra/estratégia *substituição*, isso porque, na análise dos *corpora*, ficou comprovado que a maioria dos alunos se vale do próprio conhecimento prévio para reconstruir o que subjaz ao texto base. Ainda seguindo as definições de Machado (2005, p.02), a estratégia de substituição está associada a ideia de construção, isto é,

substitui-se uma sequência de proposições, expressas ou pressupostas, por uma proposição que é normalmente inferida delas, através da associação de seus significados. Assim, se tivermos uma sequência como: “João tomou um táxi, desceu na rodoviária, comprou uma passagem, esperou o ônibus, entrou, tomou o lugar reservado a ele etc.”, podemos inferir que “João viajou”, podendo essa proposição substituir toda a sequência.

O que se deseja demonstrar é que devemos lançar mão da capacidade de inferir para conseguirmos resumir um texto com proficiência. Logo, o processo de sumarização, para nós, está calcado, especialmente, na operação semântica inferência, à qual está ligada às noções de pressuposição e subentendido.

Na visão de Fiorin (2002, p. 184),

a diferença entre um pressuposto e um subentendido é que aquele é uma informação indiscutível, ou apresentada como tal, tanto para o falante quanto para o ouvinte, pois decorre necessariamente do sentido de um marcador linguístico, enquanto este é de responsabilidade do ouvinte.

Entendemos que se o subentendido, gerado na situação contextual, pode ser usado como um artifício do produtor de um texto para se isentar de uma determinada posição (já que não se diz, mas deixa-se entender), então, é claro que um receptor e futuro “reconstrutor” textual terá que desvendar tais estratégias para compreender de forma satisfatória a mensagem que se está querendo transmitir. Ou seja, entender o texto nas suas entrelinhas é algo esperado de um leitor eficiente. Da mesma forma, também se espera que esse mesmo leitor, agora com o status de produtor, seja capaz de evidenciar os processos implícitos no texto e repassá-los para o resumo.

A pressuposição, por sua vez, também é de importância significativa, pois para entendê-la o leitor deverá reconhecer certos marcadores linguísticos como adjetivos, verbos que indicam permanência ou mudança, advérbios, orações adjetivas, entre outros recursos da língua. Podendo estes, com facilidade, se adequarem a estratégias argumentativas, já que se toma o pressuposto como uma informação verdadeira, não passível de discussões, o leitor deverá estar atento ao uso desses marcadores, a fim de interpretar um enunciado antes de concebê-lo como verdadeiro.

Sendo assim, fica claro compreender que a elaboração do resumo requer conhecimentos semânticos e extratextuais para sua escrita. Além desses, requer também, claramente, o domínio das técnicas escritas, bem como aqueles de natureza linguística, textual, sobre o gênero – sua estrutura, funcionalidade, estilo – e discursiva.

Não podemos enxergar tal gênero discursivo como uma tipologia textual fechada, despreocupada em retomar o texto base como um todo. Negar isso seria negar o entendimento apurado do texto, tendo como consequência leitores menos perspicazes e críticos, o que, de nenhuma forma, é o propósito da TLP ou de qualquer outra instituição educacional.

Tendo como base nosso raciocínio, seria inevitável, para muitos, a pergunta: um resumo que possui tantas informações inferidas, que talvez tenham sido pretendidas pelo autor do texto apenas no campo periférico, não estaria descomprometido com o texto base?

A resposta a essa pergunta está intimamente associada ao conceito de escritor/leitor, o qual esteve em constante mudança na história da linguística textual. É Kato (1999, p. 67) quem vem nos esclarecer tal preceito:

Kolers, por exemplo, conclui que os maus leitores são aqueles que, em lugar de fazer uma leitura textual precisa, procuram, com base em seu conhecimento de mundo, fazer adivinhações, quase sempre mal-sucedidas. Goodman, por outro lado, verificou que justamente o leitor mais competente é aquele que faz mais adivinhações acertadas e que o leitor imaturo é aquele que faz uma leitura linear com pouca predição.

Corroboramos, juntamente com Goodman, que um leitor proficiente seja aquele capaz de inferir as proposições presentes num texto, fazendo as devidas associações com o seu conhecimento prévio. O fato é que o produtor textual, ao redigir o gênero acadêmico resumo, não estaria extrapolando o assunto base presente no texto original, mas, sim, interpretando e conseqüentemente escrevendo o que se encontra implícito (mas subentendido), em sua estrutura textual, buscando um maior grau de coerência.

Como prediz Van Dijk (2004, p.52), todo texto possui em si macrorregas, as quais deixam em evidência o assunto principal tratado. Fiquemos com suas ponderações:

Estas transformações ou operações são chamadas de “macrorregas”. São regras de interpretação semântica de segunda-ordem: depois da interpretação de sentenças, elas permitem uma interpretação de sentenças e de pares de sentenças, elas permitem uma interpretação adicional de seqüências como proposições (globais), que caracterizam o significado de uma seqüência de ações realizadas. (...) As macrorregas suprimem toda

informação proposicional de relevância exclusivamente local que não seja necessária para a compreensão do resto do discurso (...).

Obviamente, para interpretarmos as proposições, faz-se necessário recorrermos ao nosso conhecimento prévio a respeito do assunto lido.

Considerando nossas especulações, propomos uma definição mais pontual para o gênero resumo. Esta deve levar em conta que um texto é atravessado por vários discursos, que se constituem de diversos valores, crenças e interesses; de estratégias persuasivas e de implícitos, que, vez ou outra, podem estar subtendidos a fim de “manipular” o leitor a uma certa opinião. No resumo, portanto, é válido que o produtor do texto esclareça tais proposições; entretanto, fará isso de uma forma sumarizada, deixando explícitas somente as informações mais pertinentes.

Apresentada nossa abordagem, a qual propõe uma reformulação no conceito de resumo, tendo como base certas operações semânticas e o conceito de proposição, é mister enfatizar as definições mais eficazes que propomos para o desenvolvimento do resumo: apresentação sintética e seletiva de idéias de um texto. Embora possa ser redigido em linguagem objetiva, nunca estará descomprometido com as idéias de quem o elabora, já que é permitido a este tecer outras considerações (que se encontrarem implícitas) a respeito do assunto focalizado. Assim, cada um resume primordializando informações diferentes. Para isso, faz-se necessário que se entenda a ideia central do texto original, a qual pode estar permeada de intenções. O fato é que a construção do gênero acadêmico resumo é o resultado de um duplo processo: interpretação/ produção, resultando enfim em estratégias e técnicas tanto discursivas, quanto cognitivas.

3. À guisa de conclusão

Tentamos provar a dificuldade que os alunos apresentam para produzir o gênero resumo, assim como demonstrar interpretações possíveis para essa dificuldade. É notável que tal gênero viabiliza com mais precisão a capacidade de entendimento de um texto – noção esta tão cara para qualquer estudante. Tal importância se fez notável já na segunda fase da Linguística Textual. A fase chamada de *Gramática textual*, a qual atestava a competência transformativa de um falante, deixava claro que este seria “capaz de reformular, parafrasear e resumir um texto dado, bem como avaliar, com convergência, a adequação do produto dessas atividades em relação ao texto a partir do qual a atividade foi executada” (BENTES, 2004, p. 250). Dessa forma, nosso trabalho encontra sustentabilidade até mesmo em um cenário mais remoto da Linguística Textual, o qual afirmava que um dos padrões de competência em uma língua estava centrado no fato de se resumir um texto com proficiência.

Acreditamos que a Linguística do Texto, hoje, deva buscar o aprimoramento da noção sumarizadora por meio do conceito de proposição, considerando os conhecimentos de mundo de um falante, podendo este atestar os objetivos requeridos por um texto. É de grande importância ainda o reconhecimento da operação semântica inferência, a qual é capaz de transmutar a mensagem de um texto.

Quanto à pergunta lançada no início do artigo, “Resumo: gênero autônomo ou dependente?”, respondemos que o mesmo só pode ser considerado dependente (mas não subserviente) devido ao fato de o extrairmos de um original. No entanto, tal “extração” deve ser feita de forma consciente e crítica. Logicamente, alguns terão essa visão apurada do texto e outros não. Logo, a autonomia do gênero resumo é dada por seus produtores. Da mesma forma que estes devem descobrir os enlaces e as armadilhas do texto, devem também escolher a direção a ser dada a tal gênero.

4. Referências bibliográficas

BENTES, Anna Christina. 'Linguística Textual', in: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.) *Introdução à Linguística*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004, vol. I.

DIJK, Teun A. van. *Cognição, discurso e interação* (org. e apresentação de Ingedore V. Koch) 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. 'A linguagem em uso', in: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002, vol. I.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACHADO, Anna Rachel. 'Revisitando o conceito de resumos', in: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (orgs). *Gêneros textuais e ensino*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. São Paulo: Atlas, 1991.